

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. II | N° 28 - MARÇO 2023



O DESTINO DOS INSETOS

REVISTA

CONHECIMENTO & CIDADANIA

ISSN 2764-3867
Vol. II N.º 28

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Edson Araujo
Munique Costa
Leandro Costa

Redação

Edson Araujo
Pedro Costa
Munique Costa
Leandro Costa

Colunistas

Danielly Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta
Munique Costa
Neto Curvina
Públio Caio Bessa Cyrino

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania
Vol. II - N.º 28 - Março de 2023
Rio de Janeiro - RJ
Curso Menezes Costa - CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

PÚBLIO CAIO BESSA CYRINO

Ministro Extraordinário da Palavra, Eucaristia e Consolação – Paróquia Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos. Manaus/AM.

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

MUNIQUE COSTA

Bacharel em Direito, autora do livro Direito nas Escolas e diretora administrativa do Curso Menezes Costa

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

O destino dos insetos



O mito de Narciso apresenta uma figura da mitologia grega que nascera na região grega da Beócia, filho do deus do rio, Cefiso, e da ninfa Líriope, sendo um indivíduo dotado de uma beleza divina, muitos o consideram o deus da beleza, tratando-se de um posto ocupado por Adones ou Apolo, dependendo da versão. Segundo a lenda, Narciso era tão belo que encantava até mesmo criaturas divinas, todavia, o Oráculo Tirésias fizera uma previsão na qual o detentor de tamanha beleza teria uma longa vida, desde que não olhasse para sua própria figura.

Narciso era arrogante, desprezando o amor de qualquer ser que tentasse o conquistar, como fizera com a Eco, uma ninfa amaldiçoada por Hera, Narciso desprezara todos que lhe pretendiam, entretanto, seu calvário seria o resultado de sua soberba, apaixonando-se pelo seu reflexo, teve um trágico fim ao ser, em sua imaginação, ignorado por tão bela criatura. A vaidade foi a ruína de Narciso, pois, apaixonando-se por seu reflexo, não seria correspondido, razão pela qual, seus dias terminariam em sofrimento e abandono.

O conto de Narciso, que deu origem ao termo narcisismo, [um conceito da psicanálise que define o indivíduo que admira exageradamente a sua própria imagem e nutre uma paixão excessiva por si mesmo](#), nos ensina que a humildade deve ser sempre conservada e que a soberba é uma porta para o abismo, que destruirá o indivíduo em razão de sua vaidade excessiva. É importante observar que aos que ao soberbo restará a autodestruição, contudo, arrastará seus adutores para o precipício, trazendo o mal a todos que o cercam.

No caso do mito, o ostracismo que Narciso se impusera, não por se julgar penitência ou por se considerar incompatível com a sociedade em que vivera, mas por se considerar mais que todos os outros,

Leandro Costa

detentor de tamanha beleza que jamais repartiria, termo adequado ao imaginário da figura mítica, com quem quer que seja. Ao se afastar do convívio em razão de sua soberba, Narciso acabou por proteger terceiros, fazendo com que sua derrocada, ao menos em uma análise perfunctória, afetasse sua existência de forma singular, deixando de influenciar terceiros por sua vaidade, não os arrastando consigo. Evidente que a ninfa Eco não pode ser considerada como uma vítima da maldição de Narciso, posto que, tal destino trágico resultou da vingança da ninfa, que, desprezada pelo vaidoso homem, pediu que a deusa Nêmesis fizesse com que ele sofresse de uma paixão não retribuída.

O narcisismo, de forma bem diversa da apresentada no mito, pode envolver outros, pois, a autodestruição nem sempre ocorrerá precedida do ostracismo, sendo assim, poderíamos supor que Narciso morrera como um ser isolado, nem mesmo a lenda de lobos que se isolam para morrer se aplica ao mito. Há quem defenda que animais como lobos se afastam de seus grupos para que possam morrer sozinhos, não retardando a alcateia, deixando assim de ser uma espécie de fardo para o bando, entretanto, para isso, é necessário que exista um bando, o que não se aplicaria a Narciso.

Por outro lado, uma teoria diverge da ideia de lobos se isolando enquanto aguardam a morte, acreditando que tal afastamento, em verdade decorre da busca por proteção em momentos de fraqueza, sendo assim, o animal tentaria manter-se protegido por sentir-se fraco, bem como, há quem defenda que o ostracismo ocorre de forma mais natural, como resultado da incapacidade de um animal moribundo acompanhar o ritmo dos demais membros da alcateia, por estarem saldáveis. Como já observado, nenhuma das hipóteses apresentadas abarcaria o mito de Narciso.

Se a ganância e a vaidade podem destruir um indivíduo, também são capazes de atingir todo um bando, especialmente, se aqueles que guiam o grupo tornarem-se cegos pelo poder, assumindo que fins justificam quaisquer que sejam os meios. Ao focarem toda sua energia em sua doentia por, cada vez mais, poder, líderes despóticos são consumidos pela soberba, não como Narciso, mas como bestas que se alimentam de seus vassalos, levando à ruína todo aquele que trilhar em seu rasto fétido.



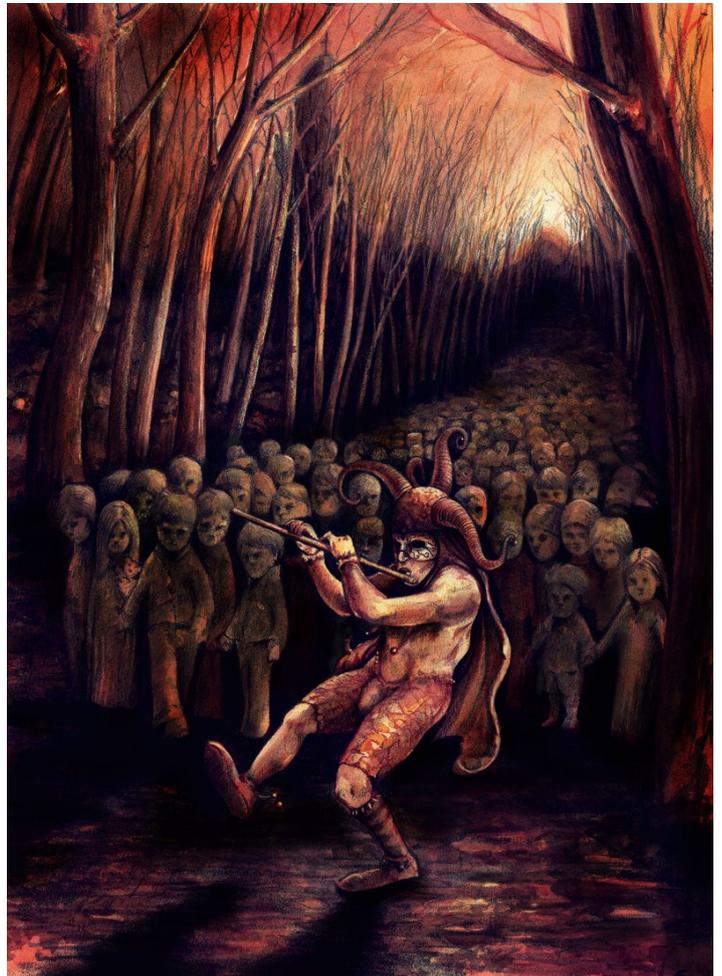
Leandro Costa

Natural que os primeiros nomes que venha a memória do leitor sejam de líderes totalitários, como socialistas, nazistas e fascistas, os quais chamaremos de revolucionários, simplesmente por se enquadrarem em tal espectro, uma vez que, através da imposição de regimes coletivistas, buscaram quebrar as sociedades em que viviam, alguns ainda o fazem, para tentar construir seu utópico universo que se resume a uma falsa promessa.

Não há dúvidas que líderes revolucionários são narcisistas, basta observar que a soberba se torna o combustível para suas ações, deixando evidente, por vezes em pouco tempo, que suas promessas nada tem a ver com suas reais intenções. Um bom exemplo é o falecido líder socialista de um país insular no Caribe que mantinha uma pequena ilha paradisíaca denominada “[Cayo Piedras](#)” (Pedras Caídas, em tradução literal), ostentava relógios suntuosos, mas pregava que sua revolução fora em nome dos mais pobres.

O mesmo comportamento pode ser observado em outros senhores da revolução, falsos profetas que se banqueteiavam enquanto jogam migalhas aos miseráveis que desprezam, entretanto, são adulados pelos seus seguidores, seja pela total ignorância, pela dependência, ou no pior dos cenários, por serem um norte daqueles que, se tivessem a oportunidade, [beberiam também do sangue dos mais fracos](#) como se fosse o néctar da ambrosia, como um parasita de luxo que desdenha de seu hospedeiro.

Caberia também lembrar da fábula do Flautista de Hamelin, que usou de sua capacidade para encantar ratos e livrar a cidade das pragas, entretanto, ao não ser recompensado, faz de tal dom seu instrumento de vingança para punir os cidadãos, levando suas crianças. Como não comparar tal figura com atuais influenciadores, autoproclamados criadores de conteúdo, que buscam aceitação em meio ao estamento e a mídia mainstream, oferecendo como sacrifício, às citadas entidades malignas, sua horda de seguidores.



Leandro Costa

Uma espécie de liderança, ainda que artificial, capaz de usar, sem o menor pudor, seus seguidores como moeda de barganha com aqueles que espia com superiores, para conquistar seu lugar no Olimpo. Desprezíveis figuras, em sua maioria idiotas úteis com pedigree, cuja função, aos olhos dos verdadeiros senhores da revolução, se limita a induzir uma massa, moral e intelectualmente debilitada, para que assimile suas narrativas como verdades e seus “valores, artificialmente criados”, como princípios que os levarão ao abismo.

Alguns dos flautistas, encantadores de zumbis, serão recompensados pelos mestres da revolução, recebendo afagos enquanto sua utilidade durar, todavia, ao perderem sua serventia, o descarte será seu justo destino, vivendo da memória do que um dia acreditaram ser, ou, rebelando-se diante da constatação que foram usados e dispensados. Por vezes, sua influência é drenada durante o processo, sendo esvaziada ao passo que são assimilados pelo sistema que buscaram integrar, é uma armadilha como o reflexo de Narciso, pois, fascinado por sua ascensão, tal criatura acaba colhendo os frutos de suas ações, posto que, acaba fagocitado em sua busca de fusão, deixando sua essência ser consumida por seu deslumbre.

Imaginemos uma celebridade faça tudo ao seu alcance para se juntar aos mais famosos, integrar uma grande rede de mídia, ao ser assimilado por tal grupo, se vê deslocado, “na geladeira”, em um lento processo no qual sua fama é absorvida pelo grupo. Qualquer semelhança com criaturas reais, não é mera coincidência.

Ao perceber que sua utilidade se esgotou e, por isso, será descartado, o aspirante a olimpiano tende a adotar medidas desesperadas, seja para postergar sua “vida útil”, buscando permanecer sob os holofotes, não importa o preço, ou se rebelando tardiamente contra o sistema que alimentou enquanto a troca era interessante para outros. O flautista, que perdeu seu encanto, tentará uma nova melodia para trazer mais crianças ao sacrifício ou optar por reivindicar as crianças que outrora oferecera em troca passaporte que lhe franqueara acesso aos palácios dos senhores da [Torre de Marfim](#), hipótese que, em regra, será massacrado pelos senhores aos quais jurou vassalagem.

Idiota útil é, necessariamente, aquele que serve ao tirano acreditando pertencer ao ciclo dos poderosos, porém, sua vassalagem não lhe concederá tal direito, será sempre um pastor de zumbis servindo ao mal, seduzido por sua própria fraqueza. Quando não puder oferecer mais sacrifícios aos seus senhores, o encantador de almas perdida enfrentarão o desprezo e um trágico fim, percebendo-se como o ser vazio que é, como um corpo sem alma, pois a sua própria foi o primeira entre todas as que sacrificou em busca de uma beleza inalcançável.

O final trágico de Narciso aguarda todos os que se deixam seduzir pela ganância, acreditando que a revolução os elevará ao paraíso, cegos como [Ícaro](#), que se deixou encantar pela emoção de voar e,

Leandro Costa

aproximando-se do belo sol, teve suas asas derretidas e morreu após fracassar em sua travessia. Deixou sua vida e liberdade em troca de breve relance de contemplação, fascinado por uma beleza que era inalcançável, como o reflexo para Narciso.

O mais preocupante, entretanto, não são os que escolheram servir aos líderes revolucionários movidos por sua ganância, os mercadores de almas não são menos vis que seus mestres, tanto que, almejam se tornar aquilo que seus senhores são, como Sauron ansiava ser como Morgoth (Melkor). Nefastos como seus líderes revolucionários, os encantadores de zumbis farão tudo o possível para se tornar mais um entre os senhores do mal, pois, seu sonho doentio é colher os louros da revolução, sacrificando seus incautos seguidores para tanto.

A maior parte das figuras pútridas que se prestam a tão labor, em verdade, serão deixadas ao léu no decorrer da história, haja vista que, tornar-se-ão inservíveis e perderão seu encanto. Quando a flauta não mais puder seduzir os zumbis, as asas derreter-se-ão e a queda será fatal.

Voltando aos que, de fato, merecem a preocupação, voltamos os olhos para os que apresentamos como zumbis. Seres esvaziados de fé, moral, cultura e mesmo capacidade cognitiva, reduzidos ao elementar, pois, privados do mínimo, habitam o sopé da [Pirâmide de Maslow](#), incapazes de buscar liberdade, quando sequer podem esmerar um futuro. A degradação cultural levou inúmeros indivíduos à condição de [lumpemproletário](#), relegando-os ao abandono civilizacional, sobrevivendo como animais selvagens.



Vítimas de um ensino deficiente, mais preocupado em incutir pautas progressistas nas mentes dos alunos, de uma sociedade degradada e, ainda mais grave, da romantização do crime, os zumbis acabam

Leandro Costa

servindo de banquete para seus encantadores, uma verdadeira [horda dos desalmados](#), que sorve do sangue dos mais fracos com promessas de pão e vinho, ou picanha e cerveja, fazendo do entretenimento vulgar mais uma das amarras.

Os instrumentos mais utilizados para reduzir o homem à condição bestial de um zumbi, são a promiscuidade, as drogas e a assimilação por grupos identitários ou facções, que acolhem o frágil ser que busca pelo sentimento de pertencimento. Assim, de torcidas organizadas ao ativismo progressista, hoje quase sinônimos, os bandos aglutinam pessoas que líderes revolucionários podem facilmente manobrar, prometendo-os quaisquer migalhas ou simplesmente afagos em discursos vazios.

A revolução escraviza qualquer um que se apresente fragilizado, tendo em vista que, todo revolucionário é um vendedor de ilusões e todo indivíduo aquebrantado é um faminto implorando por ilusões que o faça acreditar que há um futuro de esperança mesmo para quem insiste em cavar, cada vez mais, sua sepultura em meio ao esgoto. Buscam quem diga-lhes aquilo que querem ouvir, mas fogem da verdade que precisam conhecer, perseguem mentira como meio de alcançarem o alento por suas ações, acreditando que as consequências podem ser adiadas.

Os agentes revolucionários são mentirosos em sua essência, por isso, cooptam os que buscam soluções fáceis ou que se encontram sem norte, destruindo os valores de uma sociedade e produzindo ainda mais seres fragilizados, ao ponto de reduzi-los à condição de lumpemproletários, em síntese, zumbis que podem ser arrebanhados e sacrificados em nome da causa.

Atraídos pela armadilha como insetos, serão mortos buscando a bela luz que acreditam ser seu destino, como o reflexo de Narciso ou o sol de Ícaro, destruir-se-ão deslumbrados por aquilo que nunca poderão tocar, vítimas da ignorância e das mentiras de seus encantadores, alimentarão, em sacrifício, os senhores da revolução.



Igreja Católica x Comunismo

O cristianismo foi um grande marco para o Ocidente mudar sua perspectiva de visão de mundo. Obviamente, foi um marco do ponto de vista histórico, uma vez que a nossa história é contada de a.c. (antes de Cristo) ou d.c. (depois de Cristo). Mas pensando do ponto de vista como sociedade, vale destacar, se antes era seguido o *“dente por dente e olho por olho”*, agora com a história *“revolucionária”* de Jesus Cristo a visão de mundo passou a ser *“se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra.”* (Mt 5, 39).

De fato, para uma sociedade que acreditava que o mal devia ser *“pago na mesma moeda”*, surgir um homem com o discurso *“se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!”* (Mt 19, 21) e que a história conta que foi crucificado por ter incomodado alguns com suas falas, convenhamos é algo bem *“revolucionário”*. De acordo com o dicionário Oxford, revolucionário se caracteriza por algo inovador, original, ousado e que possibilita renovar os padrões estabelecidos. Sem dúvidas, Jesus Cristo foi tudo isso.

Nesse momento preciso realizar uma imersão sobre alguns acontecimentos relacionados com a Igreja Católica e o comunismo. Apesar do Manifesto Comunista ter sido escrito em 1848 por Marx e Engels, no ano de 1846, o Papa da Igreja Católica ocidental, Pio IX, na Encíclica *Qui pluribus* condena veementemente: *“Para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana”* (Encíclica *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846: Acta Pii IX, vol. I, pág. 13. Cf. Sílabo, IV: A.A.S., vol. III, pág. 170).

Mais tarde, o Papa Leão XIII, na sua Encíclica *Quod Apostolici muneris* (28 de dezembro de 1878: Acta Leonis XIII, vol. I, pág. 40), assim descreve: *“Peste mortífera, que invade a medula da sociedade humana e a conduz a um perigo extremo”*. Foram inúmeras denúncias realizadas durante o Pontificado de Pio XI. Após visita à Rússia, em 1924, foi realizada uma alocução especial dirigida ao universo católico (18 de dezembro de 1924: A.A.S., vol. XVI (1924), págs. 494-495), onde eram condenados os erros nefastos da ideologia marxista sob o mundo. Posteriormente, surgiram as Encíclicas *Miserentissimus Redemptor* (8 de maio de 1928: A.A.S., vol. XX (1928), págs. 165-178), *Quadragesimo Anno* (15 de maio de 1931: A.A.S., vol. XXIII (1931), págs. 177-228), *Caritate Christi* (3 de maio de 1932: A.A.S., vol. XXIV (1932), págs. 177-194), *Acerba animi* (29 de setembro de 1932: A.A.S., vol. XXIV (1932), págs. 321-332), *Dilectissima Nobis* (3 de junho de 1933: A.A.S., vol. XXV (1933), págs. 261-274), em forma de protesto contra as perseguições aos cristãos na Rússia, no México e Espanha.

Juliette Oliveira

Avançamos para 19 de março de 1937, o Papa permanece Pio XI, são dois anos antes da declaração para a Segunda Guerra Mundial e os caminhos incertos que a humanidade traça despertam uma preocupação que resultam na Encíclica *Divinis Redemptoris: sobre o Comunismo Ateu*.

Mas porque essa “implicância” tão grande da Igreja Católica com o marxismo? Segundo Karl Marx, “*a religião é o ópio do povo*”. Então, não é de se estranhar porque a Igreja Católica e comunismo tenham sido inimigos. Poderíamos dizer que todo bom observador facilmente “*adivinharia*” até onde esses ideais pretendiam se adentrar.

A verdade é que o comunismo misturado aos valores cristãos é bem atentador. Uma vez que Jesus Cristo trazia um simbolismo que misturava fraternidade, partilha, justiça e caridade; um cristão se deparar com uma ideologia que prega uma sociedade igualitária é realmente uma promessa fascinante.

Pensando sobre essa perspectiva, não faltarão acusações de que o Vaticano não quer perder “*seu poder sob o povo*”. Ou ainda, alegações de que a Igreja Católica não deseja a igualdade, a fraternidade e a liberdade do povo. Contudo, para conseguir entender os motivos para que a Igreja Católica lutasse tão fielmente contra essa ideologia é necessário compreender primeiro o que o comunismo prega e busca. Neste momento para não ficar extenso resumirei o comunismo em uma palavra: materialismo.

Quando nossa fé é reduzida ao materialismo do comunismo, relativizamos toda a existência divina de Jesus. Por exemplo, deixamos de acreditar em seus milagres: transformação de água em vinho, multiplicação dos pães e peixes, o andar sobre as águas, as inúmeras curas e até mesmo na Ressurreição. Nesta linha de pensamento menosprezamos a nossa existência apenas ao agora e ao mundo terreno e eliminamos a possibilidade de um mundo que nos transcende. Toda a vida de Jesus passa a ser compreendida como metáforas, como mero simbolismo, uma espécie de não foi bem assim que aconteceu... Mas isso é uma enorme heresia. Vejamos o que o Papa Pio XI narra sobre o materialismo marxista na Encíclica *Divinis Redemptoris*:

“Essa doutrina proclama que não há mais que uma só realidade universal, a matéria, formada por forças cegas e ocultas, que, através da sua evolução natural, se vai transformando em planta, em animal, em homem. Do mesmo modo, a sociedade humana, dizem, não é outra coisa mais do que uma aparência ou forma da matéria, que vai evoluindo, como fica dito, e por uma necessidade inelutável e um perpétuo conflito de forças, vai pendendo para a síntese final: uma sociedade sem classes. É, pois, evidente que neste sistema não há lugar sequer para a ideia de Deus; é evidente que entre espírito e matéria, entre alma e corpo não há



Sua Santidade, o Papa Pio XI.

Juliette Oliveira

diferença alguma; que a alma não sobrevive depois da morte, nem há outra vida depois desta. Além disso, os comunistas, insistindo no método dialético do seu materialismo, pretendem que o conflito, a que acima Nos referimos, o qual levará a natureza à síntese final, pode ser acelerado pelos homens. É por isso que se esforçam por tornarem mais agudos os antagonismos que surgem entre as várias classes, da sociedade, porfiando porque a luta de classes, tão cheia, infelizmente, de ódios e de ruínas, tome o aspecto de uma guerra santa em prol do progresso da humanidade; e até mesmo, porque todas as barreiras que se opõem a essas sistemáticas violências, sejam completamente destruídas, como inimigas do gênero humano.”

Em 1968 acontece a Conferência de Medellín, na Colômbia, como consequência histórica do Concílio do Vaticano II e da I Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Dentro da realidade da América Latina estamos passando pelo auge dos regimes militares e maiores envolvimento pastorais para as questões sociais. A Igreja Católica aumenta o discurso de “preferência pelos pobres”.

Nesta altura, a América Latina já se encontra mergulhada na doutrina da Teologia da Libertação. Com marco histórico para início da década de 60, a chamada Teologia da Libertação é considerada fundada pelo padre peruano Gustavo Gutiérrez Merino e consultor teológico da Conferência de Medellín.

No ano de 1971, publicou o livro *“Teología de la liberación. Perspectivas”*. No Brasil, essa linha de pensamento surge defendida pelo filósofo Leonardo Boff conhecido pela frase “todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Frase mencionada no artigo anterior e que apresenta muito claramente como os adeptos da TL tendem a materializar e racionalizar sua perspectiva de vida ao que chamaríamos literalmente de “ao pé da letra”.

Em 18 de março de 1984, o cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa Emérito Bento XVI, mas na época assessor do Papa João Paulo II, enquanto prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, esclarece alguns pontos acerca da Teologia da Libertação. Apesar de apresentar tópicos que se encontram com a fé cristã dentro da chamada Doutrina Social da Igreja Católica, apresenta que quando se mergulha a fé dentro do materialismo do comunismo se desconstrói a hermenêutica da história da Salvação, desmerecendo a divindade de Jesus.

Em 1991, o Papa João Paulo II, na Encíclica *“Centesimus Annus”* afirma o seguinte: *“Aprofundando agora a reflexão delineada, e fazendo ainda referência ao que foi dito nas Encíclicas Laborem exercens e Sollicitudo rei socialis, é preciso acrescentar que o erro fundamental do socialismo é de carácter antropológico. (...)O homem é reduzido a uma série de relações sociais, e desaparece o conceito de pessoa como sujeito autónomo de decisão moral, que constrói, através dessa decisão, o ordenamento social. (...) No fim da II Guerra Mundial, porém, um tal desenvolvimento está ainda em formação nas consciências, e o dado mais saliente é o estender-se do totalitarismo comunista sobre mais*

Juliette Oliveira

de metade da Europa e parte do mundo. (...)Dada a situação, a muitos parece que o comunismo poderia oferecer como que um atalho para a edificação da Nação e do Estado, e nascem, por isso, diversas variantes do socialismo com um carácter nacional específico.”

Neste ponto, daremos um salto para os dias atuais. É notável perceber que durante muitos anos o Catolicismo foi antagônico aos ideais marxistas. Contudo, se fizermos uma reflexão das últimas décadas não será difícil notar como a Teologia da Libertação invadiu o clero, em especial, na América Latina. Alguns ousam em afirmar que o cristianismo primitivo é uma espécie de comunismo utópico. Na verdade, o alemão Marx não criou conceitos novos mas se apossou de ideias de antigos filósofos. Não seria nenhum absurdo insinuar que talvez ele tenha se aproveitado de algumas concepções cristãs para alcançar o coração do povo.

Esse assunto é extenso e cabem muitas reflexões. Talvez até mesmo lamentações. É fato que a Teologia da Libertação é o famoso “*lobo em pele de cordeiro*”. É triste se deparar com uma ideologia tão nefasta, como o comunismo, e constatar que conseguiu terreno tão fértil no seio do Catolicismo. É ainda mais triste se deparar com pastores que ao invés de contribuir para a Salvação do Povo se permitiram seduzir por este discurso e estejam levando o povo ao verdadeiro abismo. Não é à toa que houveram tantas aparições de Nossa Senhora alertando: “*Se atenderem os meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz. Se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja*”.

Entretanto, para esta edição vou me limitar apenas a estes parágrafos, continuaremos as meditações sobre este tema nas edições seguintes. Até breve.



Alexandres, O Grande e os breves



Em 356 a.C. nasceu Alexandre, filho do rei Felipe II e de uma de suas esposas, Olímpia. Alexandre viria a ser conhecido por alguns títulos como: Alexandre III da Macedônia, Alexandre Magno ou Alexandre, o Grande. Mais recentemente este último tem sido muito utilizado como codinome para outro Alexandre, um brasileiro, ainda que tal comparação encontre um ponto de contato, é profundamente injusta... para com o macedônio.

O homem que formou o mais poderoso império de seu tempo, que jamais perdeu uma batalha, que nasceu em berço nobre, foi instruído por ninguém menos que o próprio Aristóteles, que dominou da atual Grécia, passando pelo Egito, a região onde hoje se encontra o Irã, o Afeganistão, Paquistão, Egito e parte da Índia, é a personagem que tem nossa atenção neste artigo. A história de Alexandre se perpetuou por suas características e conquistas: gigantismo, audácia, impetuosidade e brevidade.

Alexandre nasceu na cidade de Pela que era a capital do reino da Macedônia. Felipe, seu pai, era um rei expansionista e aumentou seu reino estendendo seu poder a quase toda a Grécia, exceto Esparta, e conquistando a Trácia mais ao norte. O nascimento de Alexandre foi em si mesmo cercado de mitos. Dizia-se que sua mãe sonhara que um raio atingira seu ventre, de onde surgiu a crença que Alexandre seria filho de Zeus. Curiosamente, no dia de seu nascimento o templo de Artêmis sofreu um incêndio, o que fez espalhar outro mito, o de que a própria deusa havia desguarnecido seu templo para testemunhar o nascimento de Alexandre.

Mauricio Motta

Em razão das muitas guerras de conquista, o rei Felipe não esteve presente ao nascimento de seu segundo filho. Felipe já tinha um filho, que em tese seria o herdeiro do trono macedônio, mas, por apresentar deficiência mental não era considerado apto para governar. Assim, Alexandre foi preparado com uma educação típica para sua época, considerando sua ascendência: leitura, artes da guerra, montaria, caça e música.

Obviamente todo o preparo era consolidado por sua inteligência e bravura inatas, já demonstrada desde muito cedo. Conta-se que próximo de sua adolescência, Alexandre assistia às frustradas tentativas de domar um dos cavalos comprados por seu pai. Era um animal de grande porte, forte e bastante arisco, o que inviabilizava a montaria. Tendo observado as reações do animal, Alexandre pediu a seu pai autorização para tentar montar. Para surpresa de todos, Alexandre posicionou o animal na direção do sol e em seguida montou. Sua perspicácia juvenil permitiu perceber que o animal temia a própria sombra. Assim, ele recebeu de presente o belo animal, a quem chamou Bucéfalo, companheiro de muitas batalhas.

A instrução em ciências naturais e filosofia era algo importante para o herdeiro do trono. O rei Felipe consultou diversos filósofos e sábios, tendo escolhido a Aristóteles. O acordo entre o grande filósofo e o rei, previa a reconstrução da cidade natal de Aristóteles, Estagira, que havia sido devastada sob Felipe. Também sob o acordo, foram libertos os habitantes daquela cidade, escravizados após a conquista. Não apenas o príncipe se beneficiou da sabedoria do filósofo, mas também os jovens filhos da nobreza macedônia também foram incluídos no discipulado de Aristóteles, o que viria se tornar uma sábia decisão. Aqueles jovens uniram-se a Alexandre e, sob seu comando, conquistaram boa parte do mundo conhecido na época. Filosofia, medicina e leituras de textos basilares como a *Íliada* e a *Odisseia* de Homero faziam parte da rotina de estudos daqueles jovens.

Com apenas dezesseis anos, Alexandre foi declarado regente da Macedônia enquanto seu pai partia para mais uma campanha militar. Nesta mesma época uma rebelião ocorreu entre os Medos, o que pôs Alexandre pela primeira vez à frente de um exército. A campanha foi bem-sucedida e confirmou a capacidade do jovem guerreiro. A partir de então, a potência do império macedônio recebeu o reforço de Alexandre, que ao lado de seu pai, expandiu ainda mais o poder da Macedônia.

A chegada de Alexandre à condição de rei se deu entre conflitos, intrigas e traições. Como dito antes, a mãe de Alexandre (Olímpia) era uma das esposas de Felipe II, que tomou para si uma nova esposa chamada Cleópatra Eurídice (não a do Egito). O ponto central desta nova união é que Cleópatra, que era macedônia, poderia gerar um herdeiro integralmente macedônio. Cabe esclarecer que Olímpia não era macedônia e aquele novo nascimento reorganizaria a ordem de sucessão.

Durante a celebração da nova união, um dos convidados insinuou que um herdeiro legítimo nasceria, o que enfureceu Alexandre. Seu pai buscou intervir, mas acabou caindo dado seu estado de

Mauricio Motta

embriaguez. Alexandre então zombou de Felipe, questionando como ele poderia marchar pela Ásia se não conseguia sequer trocar de cadeira. A partir daquele evento, Alexandre fugiu da macedônia acompanhado de sua mãe por julgar que a ofensa a seu pai tiraria dele qualquer direito ao império. Meses depois Alexandre retornou a Pela, pouco antes de seu pai ser morto a traição por um de seus guardas. A ascensão de Alexandre ao poder, assim como era comum a outros impérios daquele período, veio acompanhada da eliminação sumária de qualquer oposição ou ameaça ao novo governante. Parentes, a nova esposa de seu pai e seu filho, o convidado que erguera o brinde ao novo herdeiro e todos que de alguma forma pudessem se opor, foram assassinados. Uma exceção foi feita a seu primeiro irmão, que foi poupado e por quem Alexandre demonstrava carinho. Seu irmão, mesmo com suas limitações, era levado a acompanhar as campanhas militares de Alexandre e contava com proteção e cuidados.

Coube a Alexandre sufocar a revoltas que ocorreram enquanto a notícia da morte de seu pai se espalhava. A mais exemplar delas pode ter sido a da cidade de Tebas (Grécia). Naquela cidade Alexandre determinou que a população fosse dizimada e a cidade destruída. Os remanescentes foram vendidos com escravos. A brutalidade daquela campanha fez com que a “pacificação” fosse alcançada.

A partir do assassinato de Felipe II e da ascensão de Alexandre, o expansionismo foi impulsionado. A Macedônia de Alexandre, avançou vencendo batalha após batalha e chegou à Frígia (atual Turquia). Naquela região Alexandre soube do lendário nó Górdio, extremamente complexo, ainda não desfeito e que segundo a lenda, daria o poder sobre a Ásia àquele que o desatasse. Diante do famoso nó e após estudá-lo detalhadamente, Alexandre tomou de sua espada e partiu-o ao meio. Estava “solucionado” o desafio! Quebrando a regra e impondo-se pela força ele deu um sinal claro quanto a quem o desafiasse.

O império Persa de Dario também foi sendo conquistado, mesmo possuindo um número muito superior de homens. Ousadia, audácia, bravura, estratégia? Difícil determinar se alguma dessas qualidades isoladamente ou a soma de todas elas proporcionou a vitória. A campanha Persa foi parcialmente interrompida, alterando o foco para o Egito, que foi conquistado sem maiores dificuldades, visto que o Egito permanecera sob o domínio Persa, e a população local encarou a chegada de Alexandre como uma libertação. Ao que parece a ideia de que “o inimigo de meu inimigo é meu amigo”, parece ter funcionado em favor dos macedônios naquele momento. No Egito, Alexandre foi declarado faraó e era chamado de filho do deus Amon. A cidade de Alexandria foi erguida em honra ao “libertador”, o que viria a se tornar uma de suas marcas: a criação de cidades em sua homenagem, as muitas ‘Alexandrias’ de Alexandre.

Dando continuidade ao seu avanço e consequentes vitórias, Dario foi definitivamente vencido. A cidade de Babilônia, recebeu mensagem de Alexandre indicando que seria poupada da destruição caso se

Mauricio Motta

rendesse a seu ímpeto. De fato, as forças de defesa da cidade não ofereceram resistência e Babilônia foi poupada. Persépolis, capital do império Persa foi vencida e saqueada. As regiões onde hoje se encontram o Afeganistão, Paquistão, oeste da Índia, todas caíram sob o império de Alexandre. Particularmente na campanha da Índia, Alexandre perdeu seu estimado cavalo Bucéfalo em batalha contra forças montadas em elefantes. Como forma de homenagem, a cidade de 'Bucéphala' foi fundada.

O avanço de Alexandre rumo ao leste aparentemente não seria impedido, senão por um daqueles fatos que mudam os rumos da história. Depois de tantos anos de batalhas vitoriosas, os homens de Alexandre demonstraram cansaço das guerras de conquista, o que levou a uma rebelião, mas sem maiores consequências após a decisão de interromper as campanhas militares e recuar.

Outro ponto a se destacar, e que tem sido usado como uma certa estratégia de propaganda de setores progressistas na atualidade, seria a suposta relação homossexual entre Alexandre e Heféstio (antigo amigo dos tempos de instrução aristotélica). Alega-se que ambos eram amantes e inseparáveis, acrescentando que a morte de Heféstio teria impactado dramaticamente a Alexandre, sugerindo um romance homossexual. De fato, com a morte do grande amigo e parceiro de batalhas, Alexandre não se recuperou. Acreditamos que a pobreza da linguagem para algumas palavras em alguns idiomas, quando comparados ao grego, pode levar a algumas confusões, especialmente quando associados à ausência de conhecimento histórico. O ocidente atualmente conhece a palavra 'amor' que abrange uma enormidade de relações, confundindo-as ao entendimento. Entretanto, no idioma grego destacamos três palavras para 'amor', se referindo a sentimentos diferentes e bastante específicos. Eros (amor romântico), philia (amor desinteressado e restrito a alguém ou a um grupo) e ágape (amor em sentido amplo – pela humanidade por exemplo). O que se pode afirmar, sem dúvida, é que a relação entre Alexandre e Heféstio era pautada pelo amor 'philia', o que passar disso é narrativa.

Em 323 a.C, enquanto se encontrava em Babilônia e organizava mais uma vez seu exército para lutar (novamente) contra revoltas entre os persas, Alexandre teve febre. Tendo sido a sua saúde desafiada ao longo de anos de batalhas, ferimentos, abusos diversos (incluindo o álcool), Alexandre não resistiu e morreu aos 32 anos de idade. Seu corpo preservado em uma urna preenchida com mel, foi transportado em direção à Grécia, porém, durante o trajeto o cortejo foi desviado rumo a Alexandria no Egito, onde permaneceu até algum momento entre os séculos III e IV da era cristã. Desde então, apesar de muitas teorias, não se sabe onde permanece guardado ou se foi perdido definitivamente.

Em seus momentos finais, questionado sobre quem teria a honra de sucedê-lo, supostamente e com grande dificuldade ele teria dito: "Krat'eroi" que significa "ao mais forte" ou; "Kratero" que era um de seus generais. O impasse ante a dúvida foi resolvido e o imenso império conquistado por Alexandre, o Grande, foi dividido entre seus generais.

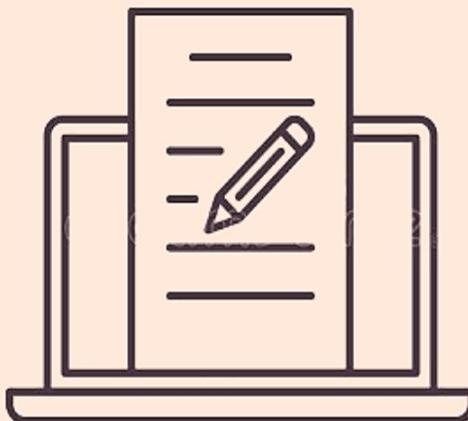
Mauricio Motta

Do gigantismo, da audácia, da impetuosidade de Alexandre, que esmagou seus adversários utilizando do poder de seu império, que quebrou as regras de honra do nó Górdio, que foi chamado “filho de Zeus”, “filho de Amon”, “Rei do Mundo”, restou apenas a brevidade de sua existência. O ‘helenismo’, a fusão entre a cultura grega e a cultura oriental foi seu legado. O ponto que une os dois ‘Alexandres’, o Grande e o brasileiro, está demonstrado no poder temporal que aos dois foi concedido. O que os distancia é dado na seguinte reflexão: Alexandre o macedônio, mesmo passados mais de dois mil anos de sua morte, ainda é lembrado; quanto ao Alexandre, o brasileiro, que será de sua memória e legado daqui a apenas cinquenta anos?

“Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. Que proveito tem o homem, de todo o seu trabalho, que faz debaixo do sol? Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece”. (Eclesiastes, 1:2-4)

[Clique na imagem](#)

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Acompanhe nosso
blog!**

O Lobo do homem



The Last Of Us é uma série apocalíptica, baseada em um famosíssimo jogo de videogame, criado por Neil Druckmann, para a Playstation. Nesta, cuja primeira temporada foi finalizada mês passado, Joel Pedro Pascal precisa levar Ellie (Bella Ramsey), uma jovem que é imune ao vírus que dizimou o mundo, a um laboratório, onde ela será analisada e servirá de voluntária, para a criação de uma vacina.

CONTÉM SPOILER. Joel perdeu sua filha, na primeira noite em que o vírus manifestou-se, mais de 20 anos antes. Tem um único parente vivo, seu irmão, e uma companheira, Tess, que morre logo no início da temporada. Ele afeiçoa-se a Ellie, que também é, aparentemente, órfã, e ambos vivem muitas emoções, em uma saga para chegarem a seu destino.

Como nas demais séries apocalípticas, das quais a mais famosa é The Walking Dead, que foi a matéria prima do [primeiro artigo que escrevi](#), há três anos, o homem é o lobo do homem. O que isso significa? Como já dizia John Locke, o caráter predatório do ser humano, sobretudo em situações de adversidade, emerge, e isso legitima condutas inimagináveis, em tempos de paz.

Isso pôde ser visto em tempos de guerra. Em epidemias, em catástrofes naturais, momentos de extrema privação. E é enfatizado nesta série, como também o foi em TWD. Afinal, as pessoas se matam e

Erika Figueiredo

digladiam por poder, comida, dinheiro, mercadorias. E isso só piora, ao longo dos séculos, à medida que o foco da sociedade desloca-se, cada vez mais, para os bens materiais, em detrimento das virtudes.

Talvez eu seja aficionada neste tipo de série, justamente por causa desses fatores: é um verdadeiro estudo antropológico, assistir ao que é capaz o ser humano, em tempos difíceis. Sobretudo em uma época como a nossa, em que tempos fáceis criaram pessoas fracas, moral e fisicamente, sem qualquer preparo para lidarem com as adversidades, um apocalipse zumbi faria um estrago imenso, na humanidade. Poucos sobreviveriam, de fato.

Fama, fortuna, poder, imagem, nada disso importa, em momentos extremos. Habilidades de sobrevivência são mercadoria rara, hoje em dia, e é isso que Joel tem para oferecer, na série. Emocionalmente destruído, o personagem vai, paulatinamente, resgatando sua humanidade, por meio dos cuidados e do afeto por Ellie. Afinal, cuidar de outro ser humano é algo que, efetivamente, nos resgata do caos interno, nos dá um propósito, traz sentido para a nossa vida.

Ellie, por sua vez, vê em Joel alguém em quem pode confiar, um homem forte, corajoso e capaz de tudo, para protegê-la. Vai aprendendo as técnicas de defesa com ele. Treina tiro. Começa a desenvolver a capacidade de virar-se nesse mundo pós-apocalíptico, sem medo. É muito bonito acompanhar o desenvolvimento da relação dos protagonistas, que nutrem verdadeiros sentimentos de pai e filha, ao final da temporada. Foram unidos pelas circunstâncias, e destas souberam extrair o melhor.

No mundo moderno ocidental, faltam-nos dificuldades e privações, com as quais lidar, a fim de que sejamos menos mimados, mais autossuficientes e corajosos, menos manipuláveis. Todo discurso ideológico não se sustentaria por cinco minutos, diante dos horrores de uma guerra. Na lei da selva, vence o mais forte, independentemente de cor, raça, credo, gênero ou posição política.

As discussões e as prioridades que vivenciamos, hoje, só nos são possíveis porque homens e mulheres honrados morreram, para que tivéssemos a liberdade da qual desfrutamos. Afinal, esta não nos é passada pela corrente sanguínea, como bem disse Ronald Reagan. É preciso ser vigilante, para que os privilégios que nos foram conquistados, pelas gerações anteriores, não se percam, porque nós menosprezamos a sua importância.

Uma série apocalíptica é como um tapa na nossa cara, acerca do que estamos colocando, como foco central de nossas vidas. Porque quando tudo rui e nada mais resta, virtudes precisam aflorar, qualidades são necessárias, assim como as habilidades, as chamadas “skills”.

E aí? What are your skills? Se o apocalipse acontecesse amanhã, como você sobreviveria? Quem você teria ao seu lado? Ao que, além de comer, beber água e se manter vivo, você daria mais valor? Ajudaria seu próximo, ou tentaria aniquilá-lo? Essas são boas perguntas, em tempos de tanta fartura e futilidade, para nos fazermos, enquanto assistimos a *The Last Of Us*.

A velha nova desordem mundial

“Não era verdade, por exemplo, como alegavam os livros de História do Partido, que o Partido tivesse inventado os aviões. Ele se lembrava de aviões desde a tenra infância. Mas não havia como provar nada. Não existia nenhuma evidência. (...) Dia após dia e quase minuto a minuto, o passado era atualizado” (1984, George Orwell).

É consenso que a história sempre foi e é contada pelo ótica dos vencedores. Quem conhece o “Grande Expurgo” feito na segunda metade da década de 30 pelo regime stalinista sabe como a história era reescrita para banir os inimigos da memória e da história soviética. O que era feito através de execuções, gulags e alterações fotográficas. Não seria exagero dizer que os soviéticos foram os precursores das montagens fotográficas modernas, mestres que sempre foram na arte de desinformar: “A Rússia se tornou a primeira grande potência que transformou o engano numa política nacional permanente, que afinal viria a distorcer todas as facetas da sociedade russa czarista e comunista” (Desinformação, Ion Pacepa).

Quando você se depara com o mundo orwelliano, assim como o de outros (Huxley, Wells, etc.), distopias sombrias e onipresentes, invariavelmente você se depara também com a manipulação da informação, que atinge seu ápice no processo no momento em que – ao bel prazer dos vencedores – passa a construir uma “nova história” a partir da agenda vigente, um fenômeno, reconhece-se, não tão recente, de forma alguma. O que foi o Cavalo de Troia senão uma bela peça de desinformação pregada nos chorosos troianos que ainda se lamentavam a perda de Heitor? E uma das grandes ironias de todas essas distopias é que basicamente todas tem Londres como palco para seus pesadelos, o que quer dizer que seus autores não eram, como podemos dizer, liberais democratas ou mesmo conservadores entusiasmados com a Monarquia. Sim, não estamos falando de Chesterton ou C S Lewis, e muito menos de Adam Smith e sua “Teoria dos Sentimentos Morais” (Título de um de seus livros, lançado no século XVIII). Percebe a contradição? Mas na verdade ela não existe de fato.

O “Partido” citado inicialmente por Orwell tanto pode ser russo, chinês, britânico ou norte-americano, porque, como já falamos, especificamente do século XIX pra cá, a história vem sendo mutilada pelo status quo globalista a partir dos pilares que o compõem, que vão de progressistas apátridas como George Soros, que despeja milhões de dólares anualmente em veículos de informação travestidos de ONGs e fundações, passando pelos metacapitalistas, ratos do sistema bancário mundial, irmãos siameses dos primeiros progressistas, que têm boa parte dos bancos centrais e de toda a imprensa no bolso do colete, os fundamentalistas do Oriente Médio, que possuem negócios altamente lucrativos com os dois primeiros, e o mundo por trás da Cortina de Ferro virtual, representado pela anfisbena vermelha, a águia bicéfala socialista. Todos eles, de alguma forma, bebem na fonte orwelliana da desinformação histórica.

Neto Curvina

Todos mentem. Todos pagam para mentir. E todos eles, INVARIAVELMENTE, se opõem às raízes judaico-cristãs da civilização, e isso não ocorre por acaso.

A verdade é algo natural. Até os estoicos sabiam disso. Um mais um é naturalmente dois. Isso é a verdade, aquilo que com o tempo foi chamado de “conservador”, ou seja, aquilo que “conserva” o que é bom, útil, saudável e benéfico, mas, principalmente, indispensável para a existência humana. Se um ser social resolve viver sua vida de modo que um mais um nunca seja dois, ele colocará não somente a sua vida em risco, mas também a de todos que o cercam. Imagine um engenheiro, um físico, um médico ou um juiz que pense que um mais um seja igual a três. A tradição judaico-cristã defende que um mais um seja um, e o faz não somente por questões matemáticas ou históricas, mas também por questões espirituais, porque o caminho da verdade universal, a Grande Tradição, é, sobretudo, transcendental, e tem nas Sagradas Escrituras a sua fonte legítima.

E isso nos leva ao primeiro problema proposto no texto: a história sendo reescrita para se amoldar a um projeto de poder, ou seja, a mentira, a deturpação e a manipulação se passando por verdade para que as gerações vindouras possam ser controladas pelo argumento da historicidade e do cientificismo, como vemos todos os dias. E para que isso aconteça, todos os valores que dão aos homens réguas morais e limites éticos precisam ser extirpados do seio da sociedade, porque ao final de tudo isso, o que restará é um imenso projeto totalitário que vem sendo tentado há várias gerações por instrumentos insanos e mentalmente perturbados, que vão de Alexandre a Hitler, e que nesses agitados dias do século XXI vem procurando um representante eficiente, independente de bandeiras: Putin, Trump, Erdogan, Macron, Jinping, Bergoglio, Netanyahu, Gates, Zuckerberg, algum membro do Clube de Bilderberg... quem seria o Big Brother da vez? Na minha humilde opinião, nenhum deles. O que virá será muito mais carismático e convincente de qualquer um desses supostos candidatos ao cargo de “Príncipe que há de vir”.

Mas enquanto isso a história seguirá sendo reescrita diariamente, em especial pelos “checadores de fatos independentes” das redes, os lacaios mais podres e desprezíveis do sistema, que dia após dia fazem varreduras em postagens publicadas há muito tempo e, com a justificativa de que “sua publicação viola os padrões da comunidade”, a retiram do ar, despoticamente, sem direito a resposta ou contestação, exatamente como nosso personagem principal, Winston, que odiava o que fazia, bem como a novilíngua que lhe era imposta. Curiosamente, esse mesmo “Grande Irmão” falava em um mundo sem divisões e desigualdades sociais para justificar suas atitudes, como o termo que ele mesmo usava: uniformizar, também era o cara que instituiu o crime de pensar, o que chega a ser irônico, quando vemos em uma rede social, na área de postagem, a pergunta: “O que você está pensando?”. Se não “pensarmos” de acordo com o sistema, nossos pensamentos serão eliminados enquanto a história ao redor dele será reescrita. Nos

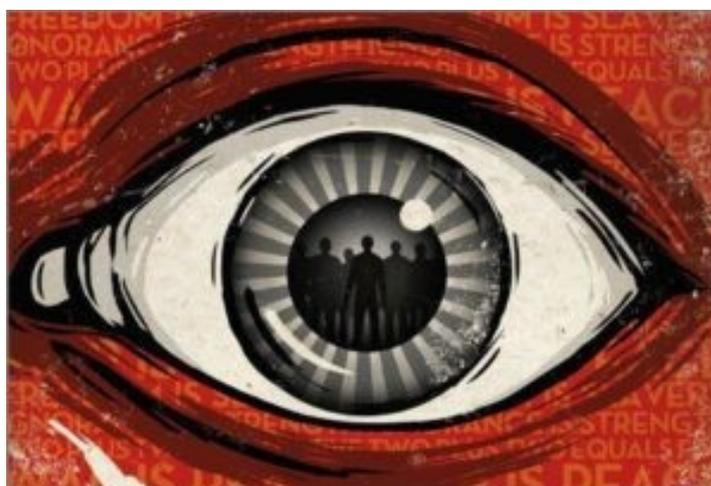
Neto Curvina

perguntam o que estamos pensando, mas se “pensamos” diferente deles, somos punidos. Orwell foi cirúrgico.

Mas tudo isso só funciona de forma eficaz porque o mundo se apartou do conhecimento original que o fez ter consciência de si mesmo. Nos mundos das distopias, existentes ou fictícias, a fé judaico-cristã é o alvo principal a ser atingido e destruído. O que não nos deixa esquecer Thomas More, quando, ao falar das religiões de Utopia, dizer que “Existem diversas religiões, não só nas várias partes da ilha, como em cada cidade. Alguns adoram o Sol, outros a Lua, outros ainda algum planeta. Há também quem venere como deus um homem, que vivera muito tempo atrás, de fama e virtude extraordinárias, venerando-o como o maior dos deuses. Contudo, os mais sábios de entre os Utopianos rejeitam todas estas crenças e acreditam num certo poder divino, desconhecido, eterno, inexplicado, acima de toda a compreensão humana, enchendo o mundo, não com extensão corpórea, mas com a sua virtude e onipotência. Chamam-lhe Deus Pai. A ele atribuem a origem, os progressos, as mudanças e o fim de todas as coisas. A ele só dão honras divinas.” (Utopia, Thomas More).

Como se vê, se você quer uma distopia, retire Deus do seu lugar de direito. Se quer o processo inverso, resgate-o. Caso contrário, logo todos nós seremos personagens de uma “história” que nunca existiu e, provavelmente, em um futuro próximo, talvez nem tenhamos existido de verdade, afinal, será que os livros de história que estão sendo escritos hoje falarão de nós? O sistema avança desesperadamente para desconstruir a nossa identidade e uniformizar – Orwell de novo – a humanidade para satisfazer sua lascívia por controle total. Ou gerando, como queria o comunismo, um proletariado sem alma, servindo como uma enorme massa de zumbis à causa do Partido, ou uma multidão de criaturas degeneradas, assexuadas e transtornadas acerca de gênero, ou ainda uma turba raivosa de fundamentalistas desprovidos dos sentimentos que nos separam dos animais selvagens. E todos eles, tendo a tradição judaico-cristã como sua inimiga mais perigosa.

O mundo só tem uma opção: voltar-se para o Deus de Israel, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e seu Unigênito. Fora disso só haverá caos e destruição como, aliás, já está ocorrendo.



Deixem nossas princesas em paz!

Durante séculos, o nascimento de um filho homem representava força, trabalho, disposição; era o símbolo de que aquele lar não ficaria desamparado. Já o nascimento das meninas representava que uma criatura meiga e delicada havia chegado; uma pessoa que iria cuidar do lar, amar, tratar de tudo com carinho.

Os contos de fada sempre demonstraram os meninos como heróis, guerreiros, valentes, dispostos a dar a vida por quem amam; e as meninas, como princesas.

Contudo, graças ao feminismo, os papéis característicos de homens e mulheres tornaram-se confusos: loucas como *Betty Friedan* passaram a chamar de “parasitas” aquelas que sentiam prazer em cuidar do lar, e os homens começaram a se perguntar o que fazer. Lunáticas como *Shulamit Firestone* propagavam liberdade sexual para mulheres e crianças; desvairadas como *Simone de Beauvoir* passaram a

Danielly Jesus

propagar as ideias de gênero (“*Não se nasce mulher, torna-se mulher*”), além de aliciarem menores para relacionamentos pederastas e defenderem pedófilos publicamente. O feminismo não trouxe nada de benéfico para a sociedade, pelo contrário.

E essa insanidade não atinge apenas os adultos; infelizmente, esta loucura está chegando nas crianças. Recentemente, um grupo de pessoas autointituladas “*leitores sensíveis*” resolveram prestar serviço para a *Editora Puffin* (divisão infantil da *Penguin Random House*) para “proteger jovens leitores de conteúdo ofensivo”. As edições incluem descrições das aparências físicas dos personagens, por exemplo, removendo a palavra “*gordura*”, tornando alguns caracteres neutros em termos de gênero e referências às cores “*preto*” e “*branco*” também foram removidos. A editora sustenta que “*o espírito dos livros icônicos permanece inalterado.*”

Dois dos clássicos que sofreram alterações foram “*A fantástica fábrica de chocolates*” e “*Matilda*”

A decisão de editar os clássicos de Dahl provocou uma onda de indignação no Reino Unido. O jornal *Daily Mail* fez uma pesquisa a respeito e 98% dos leitores exigem que os trabalhos do autor sejam mantidos em sua forma original.

Os pais disseram que boicotarão os romances atualizados, pois as mudanças foram marcadas como “*absolutamente insanas*”: “*Se você é tão facilmente ofendido, então fique em casa envolto em plástico bolha*”.

E parece que o Reino Unido mergulhou de cabeça na cultura Woke: A *Bright Horizons*, gestora de creches e pré-escolas do Reino Unido, enviou um manual de “*boas práticas*” aos pais das crianças matriculadas. Segundo a cartilha, as famílias não podem chamar as filhas de “*bonitas*” e “*princesas*”.

Além disso, a cartilha progressista recomenda que não se compre brinquedos e livros de acordo com o sexo, ou seja, que não se deve dar “*brinquedos de meninas*”. Mais uma vez, a confusão de papéis se torna mais evidente, e que agora tem como objetivo confundir os pequenos.

A responsável da *Bright Horizons*, *Laura Linn Knight*, relatou: “*Não vamos prender as meninas em um papel específico apenas por causa de seu sexo*”

Meninos e meninas possuem interesses distintos; lembram do início do artigo? Meninos: heróis; meninas: princesas. Mas o feminismo apregoa que isso são “*estereótipos sociais*” que devem ser rechaçados, o que não é verdade.

É possível que o leitor, diante deste artigo, se recorde do caso dos gêmeos Reimer – Bruce e Brian. Quando ambos tinham sete meses de vida foi constatada uma fimose e indicaram a circuncisão. Infelizmente, Bruce sofreu um acidente durante a cirurgia e seu órgão foi queimado e inutilizado.

Danielly Jesus

Através da televisão conheceram o Dr. John Money, onde falava das “maravilhas” que aconteciam através das mudanças de sexo que realizava na época. E mais do que isso: Money acreditava no mesmo que o feminismo propaga hoje em dia, que o gênero é uma “construção social” e que não haveria relação alguma com a biologia.

Contudo, um outro médico, *Dr. Milton Diamond*, ao realizar um experimento com hormônios na gestação de porquinhos-da-índia, descobriu que fêmeas submetidas a altas doses de testosterona dentro do útero desenvolviam comportamentos masculinos; e isso foi corroborado por outro médico, *Dr Harry Benjamin*, que ao estudar 47 de 87 pacientes, não encontrou nenhuma evidência de que a tal “construção social” tivesse alguma relação com os comportamentos masculinos ou femininos. E claro, com este comportamento, o Dr Money prejudicou a vida de toda a família Reimer: o irmão de Bruce, Brian, entrou em depressão, tornou-se alcoólatra e morreu após uma overdose; Brian suicidou-se com um tiro na cabeça.

Como dizia o saudoso filósofo Roger Scruton, “*Nós, conservadores, somos chatos, mas estamos certos*”. A tal cultura Woke está realizando este procedimento do Dr John Money em escala global, através da agenda de gênero propagada no entretenimento, nas escolas, enfim. E é nosso papel salvamos nossas princesas deste pensamento satânico.

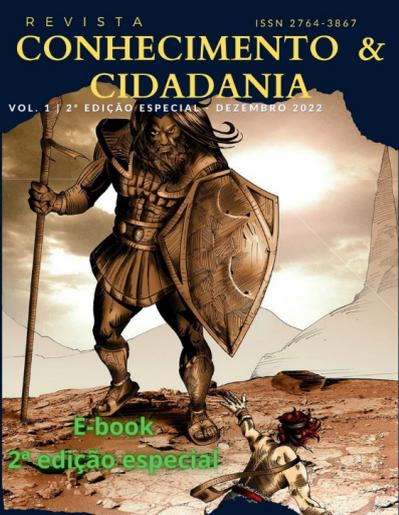
Conheça a nossa [livraria digital](#)



MENEZES COSTA
COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA

Livraria

Curso Menezes Costa



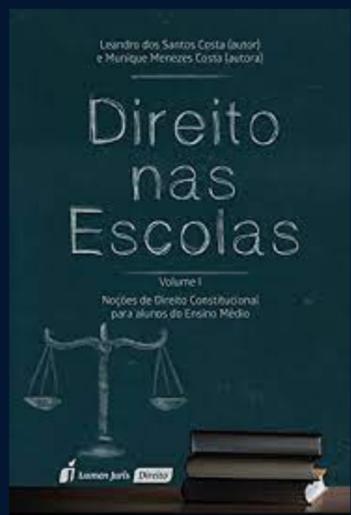
REVISTA ISSN 2764-3867
CONHECIMENTO & CIDADANIA
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

E-book
2ª edição especial



REVISTA ISSN 2764-3867
CONHECIMENTO & CIDADANIA
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Edição especial



Leandra dos Santos Costa (autora)
e Muriqui Menezes Costa (autor)

Direito nas Escolas

Volume 1
Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio

O Conservadorismo sob a ótica espiritual



Existe um adágio de diz: “quando muito se discute sobre um tema, pouco dele se tem do mesmo”. Sobre esse conceito, fica claro que quando falamos muito sobre um tema, como no caso hoje, a liberdade, podemos notar que temos cada vez menos liberdade; quando muito se fala, por exemplo, sobre segurança pública, é porque temos cada vez menos segurança pública. É claro que quanto um conceito é abundante, pouco se fala, muito se vive.

Quando se fala muito de um assunto é porque ele está em pauta, porém nem sempre isso é positivo.

Nos dias atuais muito se tem falado sobre o conservadorismo, porém por não termos uma ideia bem definida sobre este conceito as vertentes vão surgindo, muitas vezes de maneira positiva, como no caso dos conservadores tradicionalistas (onde penso que me encaixo).

O conservadorismo é um princípio natural, biológico, político, científico, que cabe em qualquer movimento da natureza.

Há os que conservem sua comida, os que conservem suas roupas, os que conservem sua dignidade, os que conservem seus relacionamentos e há também aqueles que conservam suas ideias, sim pois as ideias são vivas.

Portanto, ser um conservador no sentido geral não significa que se é de direita ou se tem os princípios básicos da civilização ocidental, enfim, declarar-se conservador não nos torna conservadores.

Entre os tradicionalistas o foco é a conservação das tradições políticas, religiosas, artísticas, sociais, enfim as tradições bases, que nos trouxeram como sociedade humana até aqui, seja em que época elas tenham vindo à luz.

Edson Araujo

Neste texto quero aprofundar a ideia de conservadorismo para além dos conceitos políticos ou sociais mostrando que como é um princípio da natureza ele deve ser aplicado primeiro nas nossas vidas espirituais e a partir daí manifestá-los nos outros aspectos da vida humana como por exemplo, no aspecto sociopolítico.

A ideia principal é sempre trazer uma reflexão, pois nossos valores devem estar primeiro dentro de nós, pois uma vez consolidado em nossa consciência, nada, absolutamente nada pode por a negação estes valores que então se tornarão princípios e uma propriedade da consciência daquele que o porta, e é isso que levava muitos homens e mulheres ao coliseu, sem pestanejar, ao confronto mortal que lhes era proposto; não estou sugerindo nada próximo ao comportamento destes heróis e heroínas, mas precisamos de referências e estas me parecem bem apropriadas para despertar o herói que há em nós.

Falando sobre o conservadorismo político precisamos entender que ele é sustentado pelas ideias mais caras ao ser humano, como liberdade, fraternidade e fé. Porém todos esses itens não são mais do que palavras ao vento se não tomarem forma através das nossas atitudes, pois são as atitudes que dão manifestação as ideias e essas ideias ainda que na mente de um ser humano, são vivas, basta ver como vivifica a alma de um ser humano, ao ter ideias grandiosas, ideias valorosas, ideias justas que ainda que não existam manifestadas no físico, existindo apenas no terreno espiritual, nos preenchem de esperança, perseverança, temperança e tantas outras virtudes que nos permitem caminhar entre tantos espinhos, mas com a certeza de que vamos chegar ao destino proposto; pois estamos sendo sustentados por grandes ideias é aí que eu quero focar.

Nossa sociedade vem se aventurando sobre comportamentos ainda pouco conhecidos, lutando para sermos conservadores, protetores, defensores dos grandes ideais da nossa civilização ocidental e por que não dizer de toda raça humana, porém vai aqui uma ideia muito importante, nada sustenta-se no físico se não nascer primeiro no terreno espiritual vou dar-lhes um exemplo:

Existem aqueles que lutam veementemente contra o aborto não permitem de forma alguma e eu concordo, que uma vida seja interrompida, seja violentada seja profanada no seu âmbito mais sagrado, na sua gestação, porém o mesmo acontece com as ideias; veja, quando uma ideia nasce no campo espiritual ela precisa encontrar alguém para promover a gestação desta ideia e assim, num processo de fecundação da ideia pelos valores, da alimentação pelas atitudes e pela honra, pelo acompanhamento pré-natal por pessoas que já passaram por este campo e que nos orientam para que estas ideias sejam nascidas no físico com sua plena saúde e em condições de cumprir sua missão.

Porém por causa da nossa ignorância muitos de nós lutamos para defender as vidas físicas, porém a gestação das nossas ideias estão em risco e muitas vezes nós, ainda que conservadores e tradicionalistas, promovemos o aborto, não de uma criança, mas de uma grande ideia que um dia poderia ter um encontro

Edson Araujo

com esta criança que poderia ser fecundada por esta ideia assim como aconteceu com muitos de nós que um dia fomos fecundados pela grande ideia do evangelho e hoje somos uma luz para muitos que não conseguem enxergar algo positivo em suas vidas.

Creio que ficou claro que, seja uma criança ou uma ideia ou um ideal, todos são uma vida, em aspectos diferentes, claro, mas todas as vidas precisam nascer!! E se não sustentamos estas ideias em sua gestação completa ainda que venha no formato de uma promessa, ainda que venha no formato de uma declaração de amor, ainda que venha no formato de um ideal político, seja em que aspecto for, promoveremos o aborto de uma vida ainda que esta vida esteja no campo das ideias. Portanto, precisamos refletir sobre os nossos conceitos conservadores; como seja, precisamos primeiro atuar no campo espiritual para darmos gestação e promover a luz a estas ideias tão escassas nos dias de hoje.

Talvez alguém pergunte, quanto tempo dura a gestação de uma ideia, mas isso depende de quem está gestando ou do tamanho da ideia, o fato é que seja como for, precisamos estar dispostos a gestar as ideias que sustentarão o futuro, pois tenha certeza que outros estão gestando ideias nada positivas para o mesmo futuro.

Lembre-se que os absurdos que vivenciamos hoje, são os filhos que foram gerados a tempos atrás.

Pense nisso...

Que deus abençoe nossa jornada!!

Revista
Conhecimento
& Cidadania

**Seja
patrocinador**

Faça a diferença!

Nos ajude a manter a
plataforma da revista
digital e continuarmos
com este trabalho.

Doe R\$ 10,00
PIX 28.814.886/0001-26

Uma cartilha feita nas coxas

Zeus, o senhor dos deuses olímpianos, como de costume, manteve um relacionamento extraconjugal com Sêmele, o que irritou a esposa do senhor do panteon grego, Hera a rainha do Olimpo, que decidiu castigar Sêmele, convencendo a mesma para que pedisse ao poderoso amante a visão de sua forma verdadeira. A mortal não sabia que a visão de um deus seria fatal e, após grande insistência, Zeus se apresentou em seu esplendor à Sêmele, de forma que a amante do Cronida foi fulminada em uma explosão.

Sêmele estava grávida de Zeus e, por ser um semideus, o filho de ambos, ainda em formação, sobrevivera à explosão, entretanto, sem o útero de sua mãe, o feto restaria morto. Ao perceber o que ocorrera, Zeus fez um corte em sua coxa e lá, colocou o pequeno feto e costurou a ferida com sua prole dentro, para que ali crescesse.

Diz-se que Dionísio nascera duas vezes, pois, deixou o útero de sua mãe quando a mesma morrera e, posteriormente, nasceu da coxa de seu pai. O deus do vinho, que precisou se afirmar para conquistar seu lugar entre os deuses e tinha uma vida nada divina, parece ter sido feito nas coxas, o que pode ser uma origem do termo.

Dionísio pode ser considerado um deus cuja história é, no mínimo conturbada, não se enquadrando em uma visão divina tradicional, sendo curado de sua loucura pela deusa Cibele. Assim, poderíamos imaginar que a origem da expressão “feito nas coxas” remete ao deus grego que teve um nascimento e uma vida nada ortodoxos, fazendo crer que, ao chamar aquilo que é mal feito de tal forma, nos remetemos à divindade em razão de sua natureza.

Há também o caso do nascimento de Ericciónio, filho de Hefesto e, de certa forma, de Atena, cuja concepção seria o resultado de uma tentativa frustrada do deus forjador de violar a virgem deusa da sabedoria, o que fez com que a semente de Hefesto caísse na coxa de Atena. A deusa da sabedoria se limpou, jogando a semente no chão, nascendo assim Ericciónio, que reinaria a cidade de Atenas.

Tal versão para a origem do termo feito nas coxas se assemelha, claro que com as devidas ressalvas, a apresentada por estudiosos que afastaram a translúcida narrativa de que o termo surgiu do período escravagista, em que, supostamente, telhas eram feitas nas coxas de escravos inaptos para o trabalho, desconsiderando o tamanho padrão de telhas e a exposição ao calor, intensidade ou tempo, que tal obra de olaria exige.

Recentemente, o Tribunal Superior Eleitoral do Brasil, deixando de lado sua missão constitucional, cuja existência é, no mínimo questionável, publicou uma [cartilha](#) na qual apresentou sugestões de termos

Munique Costa

que não deveriam ser utilizados por, supostamente, terem conotações racistas. Tal folheto, por mais bizarro que pareça, está disponível no site oficial da instituição autoproclamada democrática. Em seu corpo, além de diversas expressões, nos chama a atenção o número quarenta e seis, em que a Corte indica que o termo “feito nas coxas” possui uma origem racista.

O que mais alarma na leitura de tal cartilha, lembrando que me restrinjo à parte que trata do “feito nas coxas”, é, justamente, o Tribunal ter incluído, em seu panfleto chamado cartilha, uma expressão sem ter a certeza de sua origem e, pior ainda, ter se imiscuído em um tema que em nada lhe diz respeito. Fazendo daquela Corte uma casa de proselitismo político progressista, quando deveria se dedicar ao processo eleitoral, o que, com as devidas vênias, nos faz refletir se a justiça eleitoral brasileira está em condições de coordenar o processo de escolha dos representantes, ou, em uma triste, mais inafastável, hipótese, não estaria conduzindo as escolhas ao seu bel-prazer, posto que, assume uma postura ativa no campo ideológico.

Para melhor ilustrar, transcrevo, com o pesar de quem suja as mão para apontar um erro, o texto contido na cartilha do TSE, *“A expressão “feito nas coxas” é utilizada para designar algo realizado de modo apressado, sem muito apuro, descuidado. Não há certeza sobre as origens do termo, mas existem algumas hipóteses que são levantadas de modo mais corriqueiro.*

Uma das proposições mais repetidas dá conta de que a expressão repetiria o hábito colonial de produção de telhas moldadas nas coxas de pessoas escravizadas, trabalho realizado por produtividade e, por isso, mecânico e sem muito zelo pela uniformidade das telhas criadas”.

Em seguida, a cartilha reconhece que tal teoria, em verdade uma narrativa, foi afastada em razão da desproporcionalidade entre a coxa humana e o tamanho padrão de uma telha, entretanto, negando-se a deixar seu proselitismo de lado, o órgão jurisdicional insiste em contraindicar o uso do termo, apontando que *“Ainda que não haja pleno consenso sobre as origens do termo, o linguajar cotidiano costuma associá-lo ao trabalho da pessoa negra, algo de baixa qualidade, malfeito.*

Assim, a expressão acaba reproduzindo uma ideia racista e merece ser abandonada, podendo facilmente ser substituída por outras que transmitam a mesma mensagem”.

Causa espanto que um órgão jurisdicional assumira uma postura em que uma hipótese não confirmada sirva como pano de fundo para uma orientação, ainda que sem o caráter coercitivo, em razão de sua vontade, admitindo assim que, ainda que não assista razão a uma das partes, poderia o Poder Judiciário decidir em favor dela devido à corrente ideológica que o órgão julgador se filia. Em síntese, estamos diante de um órgão julgador do alto escalão, que, além de se posicionar diante de um tema que não guarda relação com o processo eleitoral, pois, cuida de uma análise linguística, delibera a respeito de

Munique Costa

algo, assumindo uma posição, sem qualquer fundamento legal ou lógico, fazendo de sua conveniência um mote que deve ser adotado.

Tudo indica que a Justiça Eleitoral, após comemorar seus noventa anos de existência, apresenta claro sinal de senilidade, no pior sentido da palavra, tornando-se uma figura que não justifica sequer sua existência e segue rumo ao Hades sem preservar sua história, se é que há algo na existência de tal vertente do Poder Judiciário que mereça ser preservado.



A música na oração e a poesia na teologia



Quem canta reza duas vezes, diz um ditado popular. O Rei David salmodiava e louvava Javé tocando harpa e declamando verdadeiros poemas, ora de angústia, ora de alegria, ora de clamor, ora de agradecimento.

Quero mostrar a você uma música que reúne melodia adequada para meditar e orar e uma composição cuja letra apresenta traços bíblicos teológicos, com uma elegância e sutileza sem tamanho, pois fala de Jesus Cristo, sem citar seu nome, fala de ressurreição, sem dizê-lo expressamente, relembra os lugares de oração de Jesus, sem perder a poesia. Fala até do juízo final. Estou falando da música *O Homem*, de Erasmo Carlos e Roberto Carlos. Estariam eles salmodiando para Deus?

Reza a canção:

Um certo dia um homem esteve aqui/Tinha o olhar mais belo que já existiu/Tinha no cantar uma oração/E no falar a mais linda Canção que já se ouviu/Sua voz falava só de amor/Todo gesto seu era de amor/E paz, Ele trazia no coração

Públio Caio Bessa Cyrimo

Nessas primeiras estrofes eles fazem *catequese* a partir da visão que um poeta e cancionista tem das passagens dos Evangelhos. Nessas estrofes, com sutileza e poesia falam de uma qualidade maravilhosa de Jesus: a **compaixão**, que consiste em olhar o outro como a si mesmo, colocando-se no lugar do outro para sentir como deve sentir o outro. Isso eles dizem numa frase: “***Tinha o olhar mais belo que já existiu***”. Era o ***olhar da compaixão e misericórdia***.

O “belo” aqui não se refere apenas à estética, mas também à ética; é um “belo” no sentido de expressar compromisso e revelar em atitudes a Verdade, o rosto do Pai. Vejam como um poeta alcança e transmite uma mensagem bíblica e teológica sem citar um único versículo das Escrituras.

Em seguida, fazem um *trocadilho poético invejável*: “***Tinha no cantar uma oração E no falar a mais linda canção***”. A liberdade poética permite isso e mais ainda, imaginar que Jesus cantava, e que seu canto era oração. Talvez, de fato, Jesus cantasse os Salmos, que eram verdadeiramente orações. Mas, em seguida, transformam a fala, os discursos de Jesus na “***mais linda canção que já se ouviu***”. A canção, quando boa, atrai, concentra, permite fazermos associações de tempo, lugar e pessoas, em futuras recordações, chegando, às vezes, a ficar na nossa memória o dia inteiro. Assim descrevem esses poetas, os ditos e as falas de Jesus de Nazaré: a fala de Jesus era a *mais linda canção que já se ouviu*.

Conseguem expressar na simplicidade, mas com profundidade teológica, aquilo que Jesus exigiu dos discípulos e que condenava nos fariseus: exigia ***coerência entre o falar e o agir e condenava a hipocrisia***. E dizem isso assim: “***Sua voz falava só de amor/ Todo gesto seu era de amor /E paz, Ele trazia no coração***”. Jesus falava de amor e amava as pessoas do jeito falava do amor: “*Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos (...) Pois, se amardes [apenas] aos que vos amam, que recompensa tereis? não fazem os publicanos também o mesmo?*”(Mt 5,44-46). E o evangelista João confirma esse amor incondicional de Jesus: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.” (Jo 13,1) e foi no fim que pregado na cruz injustamente, Ele rezou: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lc 23,34). De fato, como canta Roberto Carlos, “*todo gesto seu era de amor*”.

Mas termina a estrofe: ***E paz, Ele trazia no coração***”. A **Paz** que Jesus anunciou dizendo “Eu vos dou a paz; a minha paz vos dou. Não a dou como o mundo a dá” (Jo 14,27 ou em Mt 11,29): “*Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas*”. Essa mansidão própria de quem traz a paz no coração, Erasmo e Roberto perceberam e cantaram em seus versos.

Ele pelos campos caminhou

Subiu as montanhas e falou do amor maior

Fez a luz brilhar na escuridão

O sol nascer em cada coração que compreendeu.

Campos e montanhas. Jesus caminhou pelos campos, pelo deserto, pelas montanhas. Por isso seus seguidores eram chamados de **“os do Caminho”** (At, 9,2) e só mais tarde em Antioquia foram chamados de cristãos (AT 11,16).

Nos campos, como em Lc 6,1 e principalmente nas Montanhas (Mt 4,8; Mt 5; Mt 17) dentre tantos exemplos, Jesus costumava ir e levar seus discípulos para momentos de oração e pregação. A última tentação aconteceu numa montanha; as bem-aventuranças foram pronunciadas numa montanha; numa montanha foram multiplicados os pães, e, no fim do Evangelho, quando os discípulos encontram o Ressuscitado e são enviados para o mundo inteiro, encontram-se na montanha, Monte Tabor. Tudo isso foi percebido pelos autores desta canção.

“Fez a luz brilhar na escuridão, O sol nascer em cada coração que compreendeu.”

É assim o final dessa estrofe. Isto é uma leitura de Jo 4,5: *“Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens. O logos se fez carne, era vida, vida plena e eterna. Só Ele era a verdadeira luz que poderia nos retirar das trevas do pecado e do erro. O sol é o Cristo, que nasce dentro de cada um, que aquece nossa alma e ilumina nossos passos. Uma frase numa música sendo capaz de fazer catequese cristã.*

Diz a estrofe que esse Homem fez o sol nascer em cada coração que compreendeu. Compreendeu o quê? Responde a estrofe seguinte:

*“Que além da vida que se tem
Existe uma outra vida além e assim
O renascer, morrer não é o fim”.*

Poetas falando sobre a vida depois da morte, falando da **ressurreição**. **“Morrer não é o fim”**, diz a letra da música. *“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá”;* *“Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para ser condenados”.* São palavras de Jesus narradas no evangelho segundo são João.

Morrer pode ser o começo de uma **vida eterna** na sombra do amor de Deus, na presença da Trindade, de Nossa Senhora e de todos os santos que estão em comunhão entre si e conosco. Ou o começo de uma **morte eterna**, para aqueles que ressuscitarão para o julgamento final, e poderão ficar eternamente afastados do amor de Deus, no inferno.

Públio Caio Bessa Cyrimo

A frase da estrofe da música, *morrer não é o fim*, é um alerta de esperança na ressurreição, mas também de admoestação para o perigo do inferno, como a própria música explicará em linguagem poética mais adiante.

*Tudo que aqui Ele deixou/
Não passou e vai sempre existir/
Flores nos lugares que pisou/
E o caminho certo pra seguir.*

As duas primeiras frases podem ser lidas biblicamente da seguinte maneira: **“Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão”** (Mt 24,35) . Ou nas palavras do profeta Isaías: *“Assim será a Palavra que sair da minha boca, não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei”*(Isaías 55,11).

A vida encarnada é passageira. Tudo passará e terminará. Somente as Palavras, os ensinamentos e promessas de Jesus serão eternas. Por isso, *“Tudo que aqui Ele deixou/Não passou e vai sempre existir/*, diz a música com sabedoria.

Mas um outro elemento teológico é apresentado na música: o dever de gratidão e de honrar a Deus Trinitário. É nosso dever darmos graças para nossa salvação, em todo tempo e lugar, afirma o Prefácio das Orações Eucarísticas, na liturgia da santa Missa. Isso é reconhecido pelos cancioneiros quando afirmam: **“Flores nos lugares que pisou, e o caminho certo pra seguir”**.

Os lugares por onde Jesus passou se tornaram lugares santos, de tal modo que as primeiras liturgias e ritos da Igreja levaram esse fato em consideração e respeito, como consta da Liturgia de São Tiago: *“Oferecemos-te ó Senhor, por teus santos lugares, que glorificaste com aparições divinas de teu Cristo e pela vinda do teu Espírito Santo, especialmente a santa e gloriosa Sião, mãe de todas as Igrejas”* (Sião, na linguagem cristã originária, referia-se sempre à Igreja local de Jerusalém).

Daí um aspecto teológico, litúrgico e eclesial presente numa frase da música de Erasmo e Roberto Carlos, o dever de louvar e agradecer, simbolizado na frase *“flores nos lugares que pisou”*.

Depois eles cantam:

*‘Eu sei que Ele um dia vai voltar
E nos mesmos campos procurar o que plantou;
E colher o que de bom nasceu,
Chorar pela semente que morreu sem florescer”*.

Nessa estrofe encontramos uma riqueza teológica.

Erasmo e Roberto Carlos declaram acreditar na *parusia*, na segunda e gloriosa vinda de Jesus. Eles começam a música afirmando que *“Um certo dia um homem esteve aqui”*. E nas estrofes finais

Públio Caio Bessa Cyrimo

eles cantam: “*Eu sei que Ele um dia vai voltar e nos mesmos campos procurar o que plantou*”. Estão reconhecendo a segunda vinda de Jesus e mais, ainda, afirmando que haverá um juízo, um julgamento final (*procurar o que plantou!*).

De forma poética ele nos faz lembrar a parábola do Juízo Final em Mt 25,31-46: “*Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai! Recebi como herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo! Pois eu estava com fome e me destes de comer, eu estava com sede e me destes de beber, eu era estrangeiro e me recebestes em casa; eu estava nu e me vestistes; eu estava doente e cuidastes de mim; eu estava na prisão e fostes me visitar’*”.

Vejam que maravilha, numa estrofe de poucas palavras eles recordam 15 versículos do evangelho de Jesus e afirmam a convicção e crença no retorno de Jesus (sempre sem citar qualquer nome): “*Eu sei que Ele um dia vai voltar*”.

E quando voltar, diz a música, “*e nos mesmos campos procurar o que plantou*”. Vai procurar os “frutos que plantou”, e como na parábola do joio e do trigo – Mt 13,24-30 – e na parábola do Juízo Final, vai “colher os bons frutos” e queimar os frutos ruins, separar as ovelhas dos cabritos, num juízo feito a partir da avaliação de nossas obras de fé, pois quem tem fé tem obras para mostrar. Quem não tem obras para apresentar, vai para a *esquerda de Deus Pai*, ao lado dos “cabritos”, ao caminho do inferno.

As sementes que não frutificaram (Mc 4-1-20) serão arrancadas, com muita dor, pois Jesus não tem nenhum prazer em ver um pecador condenado, não arrependido. Por isso, com razão na letra da música, se afirma que ele vai “*Chorar pela semente que morreu sem florescer*”, porque a vontade de Jesus é a mesma do Pai: que todos sejamos santos, como ele O é. O projeto de Deus é a salvação para todos, e cada vez que perde um de seus filhos, o céu inteiro chora.

Por derradeiro, dizem os autores dessa maravilhosa canção:

Mas ainda há tempo de plantar

Fazer dentro de si a flor do bem crescer

Pra Lhe entregar quando Ele aqui chegar

Enquanto há vida, a chance de arrependimento e de mudança (metanoia) de comportamento. É sempre tempo de conversão. A conversão nos leva ao caminho da misericórdia e do perdão. Do contrário, sairemos do poder da *graça* e nos submeteremos ao julgamento de justiça.

Públio Caio Bessa Cyrimo

Ainda dá tempo de plantar a semente do bem, canta a melodia. Podemos mudar interiormente, fazendo crescer no nosso coração “a flor do bem”, e contribuir para o Reino de Deus ainda na terra (do *agora* para o *ainda não* escatológico).

Ainda dá tempo de seguir o caminho das flores, seguindo os passos de Jesus: “*Flores nos lugares que pisou, e o caminho certo pra seguir*”.

Não entenda que o caminho será um caminho exclusivo de flores. Espinhos, pedras e cruz teremos pelo caminho. O “caminho das flores” significa os ensinamentos de Jesus Cristo que devemos seguir. Flores como metáfora das Palavras deixadas por Cristo. Por isso, caminho certo a seguir.

Refleta isso nessa Quaresma. Ainda dá tempo de plantar a flor do bem!

Que Deus tenha acolhido Erasmo e abençoe a vida de Roberto, para uns, ridicularizado, e para outros, eterno Rei da música brasileira.

[Ouça a música, clique na imagem](#)



**Mas ainda há
tempo de plantar,
Fazer dentro de si
a flor do bem
crescer,
Pra Lhe entregar
Quando Ele aqui
chegar.**



Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Edson Araujo

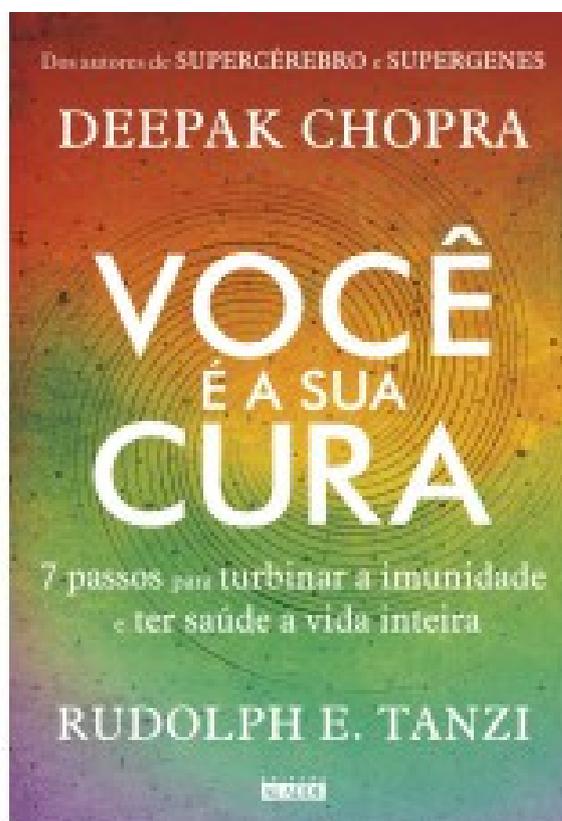


Dica de Filme

Jonah que Viveu na Baleia

Durante a Segunda Guerra, menino judeu é levado junto com os pais para um campo de concentração nazista. Lá, ele conhece uma realidade cruel, mas com os mesmos olhos de criança que Jonah assiste a tudo, tirando de cada novidade uma fantasia, apesar dos pesares.

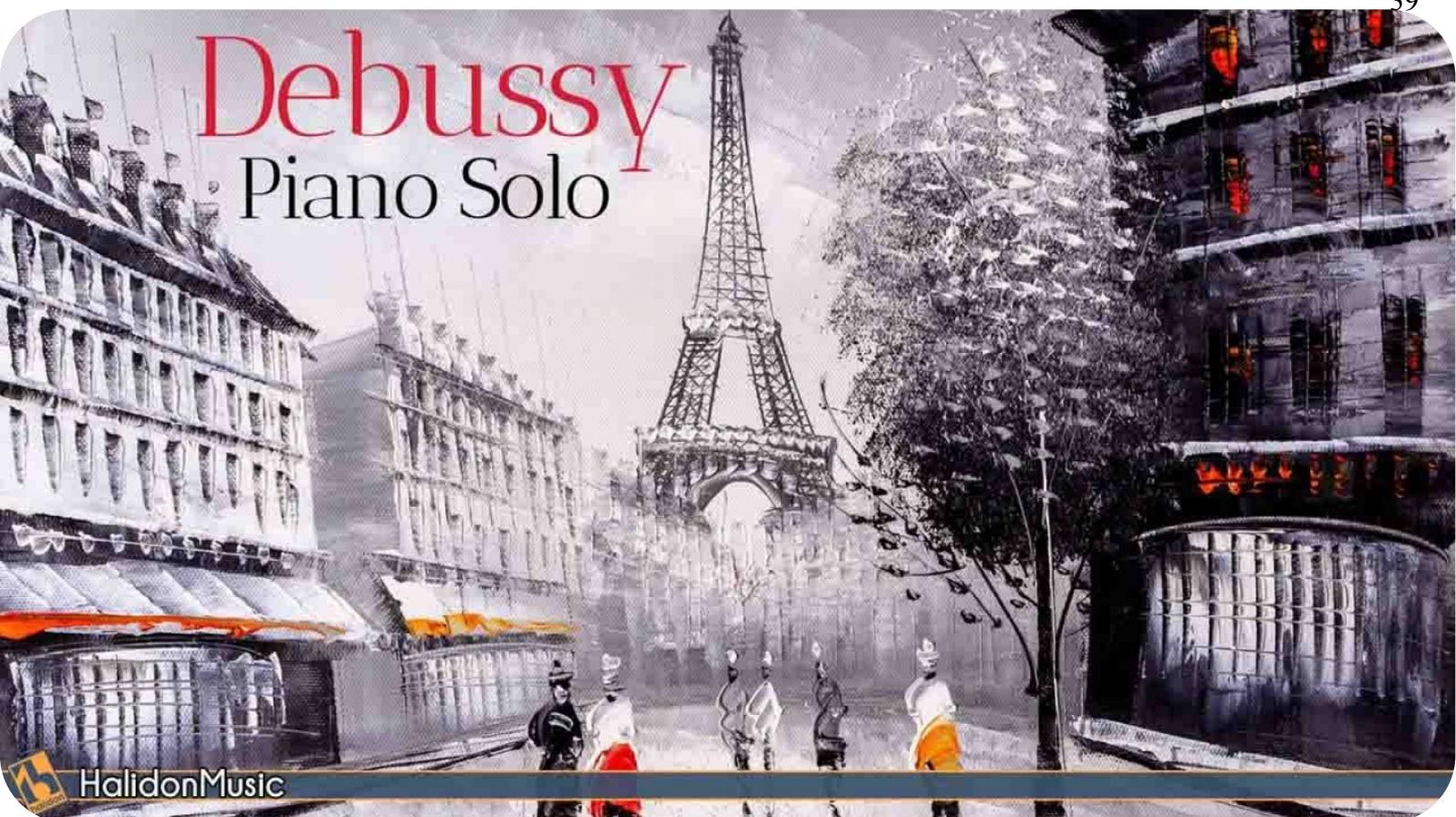
Dica de Livro



Diariamente, o corpo é atacado por leves inflamações, que podem acelerar o envelhecimento e, ao longo dos anos, estimular doenças relacionadas ao estilo de vida como hipertensão, diabetes e alguns cânceres. Por isso, os consagrados autores Deepak Chopra e Rudolph Tanzi apresentam um jeito revolucionário de combater esse problema. Eles defendem que o corpo tem a capacidade de se autocurar, desde que tenha as ferramentas necessárias. Em um plano de ação em sete frentes, a dupla ensina a fazer mudanças práticas na alimentação e na forma como encaramos o estresse, a atividade física e os vínculos emocionais. A ideia é que, com ajuda de um hábito por dia, podemos ganhar saúde para a vida toda.

Debussy

Piano Solo



Dica de Música

Debussy - Piano Solo

Claude-Achille Debussy foi um músico e compositor francês. A música inovadora de Debussy agiu como um fenômeno catalisador de diversos movimentos musicais em outros países. Na França, só se aponta Ravel como influenciado, mas só na juventude, não sendo propriamente discípulo.

Dica de Poema

Já bem perto do ocaso, eu te bendigo, ó Vida,
Porque nunca me deste esperança mentida,
Nem trabalhos injustos, nem pena imerecida.
Porque vejo, ao final de tão rude jornada,
Que a minha sorte foi por mim mesmo traçada;
Que, se extraí os doces méis ou o fel das cousas,
Foi porque as adocei ou as fiz amargosas;
Quando eu plantei roseiras, eu colhi sempre rosas.

Decerto, aos meus ardores, vai suceder o inverno:
Mas tu não me disseste que maio fosse eterno!

Longas achei, confesso, minhas noites de penas;
Mas não me prometeste noites boas, apenas
E em troca tive algumas santamente serenas...

Fui amado, afagou-me o Sol. Para que mais?
Vida, nada me debes. Vida, estamos em paz!

Amado Nervo



Paquetá



O primeiro registro que temos da ilha é de 1555, quando André Thevet, cosmógrafo da expedição de Villegaignon, descobre Paquetá em sua missão para fundar a França Antártica. Esse registro é anterior à própria fundação da cidade do Rio de Janeiro. Em 18 de dezembro de 1556, o Rei da França, Henri II, reconhece as descobertas de Thevet (que na realidade ocorreram em dezembro de 1555) e nessa data é hoje celebrado o aniversário de Paquetá.

Estácio de Sá vem ao Brasil com a missão de derrotar os franceses e colonizar as novas terras. Com a aliança dos índios Temiminós vence os inimigos, aliados aos Tamoios e em 1565 funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo ano e cumprindo sua missão colonizadora, a Ilha de Paquetá é doada por Estácio de Sá, sob a forma de duas sesmarias, a dois de seus companheiros de viagem. A parte norte, a Inácio de Bulhões (hoje chamada bairro do Campo pelos comunitários), e a parte sul (bairro da Ponte) a Fernão Valdez.

O lado sul da ilha teve colonização mais rápida e o lado norte se caracterizou pela formação da Fazenda São Roque, com sua extensa área agrícola e criação de gado.

É nas terras da Fazenda São Roque que é erguida em 1697 a primeira capela da ilha, a Capela de São Roque, o padroeiro da ilha. Até então a comunidade tinha que atravessar a Baía de Guanabara até Magé para participar de seus cultos religiosos.

Mas Paquetá, mesmo com a Capela de São Roque, ainda continua vinculada eclesiasticamente (e administrativamente) à Freguesia de Magé.

Em 1763, foi construída, também em terras de um proprietário local, a Capela original do Senhor Bom Jesus do Monte da Ilha de Paquetá (no lado sul da ilha), incluindo a doação à Igreja de terras e

Munique Costa

construções, com a condição (mais que religiosa, mas também econômica) de que fosse uma paróquia local, desvinculada da Freguesia de Magé.

Em 1769, Paquetá foi desvinculada de Magé, gerando rivalidades internas na ilha quanto a qual seria a Matriz, São Roque ou Bom Jesus, e protestos eclesiásticos de Magé pelas perdas. Em 1771, no entanto, esse edital é anulado e Paquetá é novamente integrada à Freguesia de Magé. Finalmente, já com a Família Real no Brasil e o Príncipe Regente frequentando Paquetá, um alvará especial de D. João cria a Freguesia do Senhor Bom Jesus do Monte. Já 1833, por decreto Imperial, a Ilha de Paquetá fica totalmente independente de Magé e passa a pertencer ao município da Corte. Em 1903, os distritos de Paquetá e Governador são unidos no Distrito das Ilhas, incorporando ilhas e ilhotas ao redor. Em 1961, o governador do estado da Guanabara cria o Distrito Administrativo de Paquetá e, em 1975, com a fusão da Guanabara e do Rio de Janeiro, a Ilha de Paquetá passa a pertencer à cidade do Rio de Janeiro, constituindo sua XXI Região Administrativa.

O bairro se forma mais acentuadamente a partir do impacto cultural pela vinda frequente de D. João VI a Paquetá (a partir de 1808) e através do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, apoiado, ainda, pelo funcionamento regular da linha das barcas, a partir de 1838.

Nessa época, Paquetá não dispunha de fontes naturais e os moradores utilizavam-se de poços para seu abastecimento. O poço de São Roque era, certamente, o mais famoso, pela qualidade de suas águas e pelas suas lendas.

Em 1908, é inaugurado um sistema de captação de águas do Alto Suruí, município de Magé, e adução por dutos submarinos até Paquetá, na ponta do Lameirão.

Mais tarde foi ainda construída uma elevatória para levar as águas até o Morro do Marechal, de onde passou a ser distribuída por gravidade para as diversas partes da ilha.

Outros aspectos históricos

Os Tamoios ocupavam boa parte da orla da Baía de Guanabara e, certamente, Paquetá. Quando os portugueses e franceses aqui chegaram, a ilha já era chamada de Paquetá. O estudo etimológico do nome sempre gerou muitas polêmicas e possibilidades: muitas conchas ou área com muitas pedras ou muitas pacas.

Esta última interpretação é hoje a mais aceita, corroborada pela publicação dos escritos de André Thevet (o descobridor de Paquetá), que narra a abundância na ilha do animal Pacarana, parente próximo da paca.

Antes mesmo da fundação da cidade do Rio de Janeiro, a expedição de Villegaignon esteve por aqui com a missão de fundar a França Antártica. André Thevet era o cosmógrafo dessa expedição e coube

Munique Costa

a ele registrar a descoberta de Paquetá em dezembro de 1555 (formalmente reconhecida em 18 de dezembro de 1556).

Paquetá foi também um dos principais focos da resistência francesa à expedição de Estácio de Sá, que tinha como uma de suas principais missões expulsá-los do país: Os portugueses, aliados aos Temiminós do cacique Araribóia, contra os franceses, aliados aos Tamoios do cacique Guaixará. Nas águas de Paquetá ocorreu uma das principais batalhas da vitória portuguesa, com a morte do líder tamoio Guaixará. Ainda no ano da fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1565, e mesmo antes do seu falecimento, Estácio de Sá dava andamento à sua missão colonizadora, e Paquetá foi incluída na relação de terras doadas a seus aliados, sob forma de sesmarias. No caso, foram duas sesmarias: A parte norte da ilha, hoje o bairro do Campo, doada a Inácio de Bulhões, e a parte sul, bairro da Ponte, doada a Fernão Valdez.

Com a colonização e o crescimento da cidade, Paquetá passou a exercer um papel importante como produtora de hortaliças, frutas e legumes e pedras e cal para construções.

A chegada de D. João VI a Paquetá, em 1808, no mesmo ano em que a Família Real vem para o Brasil, eleva a ilha a um relevante status cultural junto à Corte e à população da cidade. Paquetá assumia o papel de centro político.

Vários nobres e personalidades importantes passaram a frequentar ou mesmo morar em Paquetá. Destacamos a presença de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, que em 1829 afasta-se da Corte por motivos políticos e se exila em Paquetá.

No final deste século, a ilha passaria pelo que foi, provavelmente, o seu momento mais difícil: A Revolta da Armada.

Em 1893, a Marinha de Guerra deflagrou um movimento insurrecional contra o governo do Marechal Floriano Peixoto. Paquetá foi, involuntariamente, base de operações para os revoltosos, ficando isolada do Rio de Janeiro por seis meses.

Muitas famílias tiveram que se afastar da ilha, as baixas foram intensas e ao final da revolta muitos paquetaenses foram severamente punidos, sob o argumento de que teriam colaborado com os revoltosos. Um período triste na história do bairro.

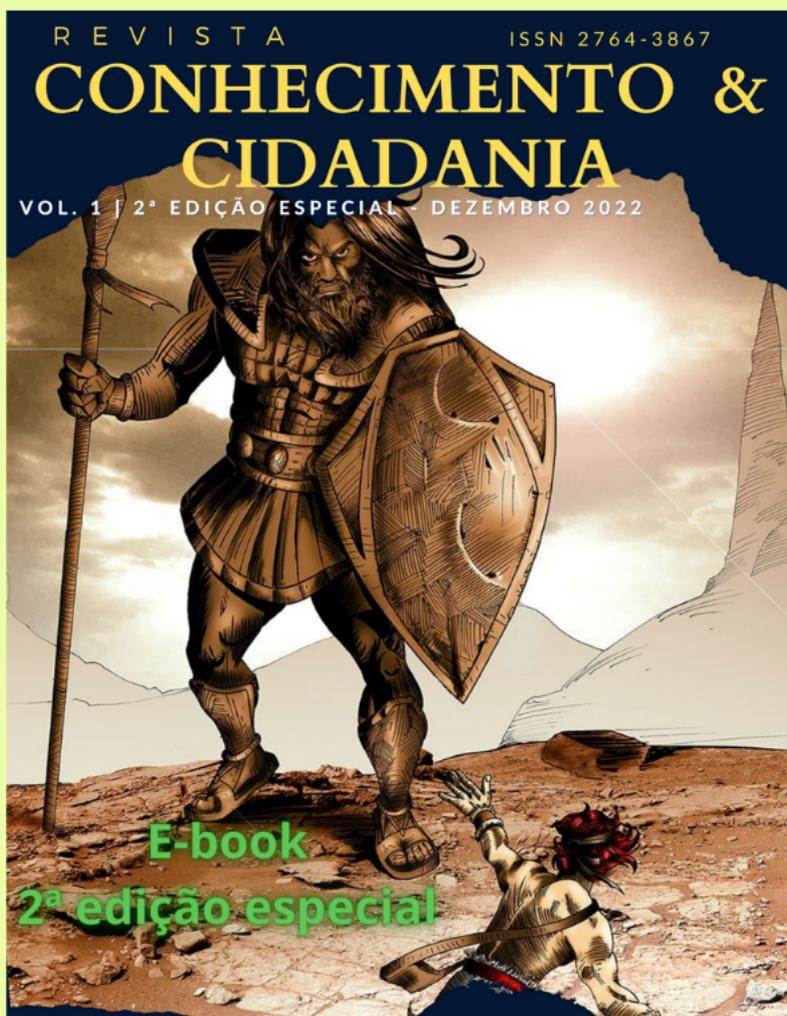
Siga-nos
nas
**REDES
SOCIAIS**



@revistaconhecimentocidadania



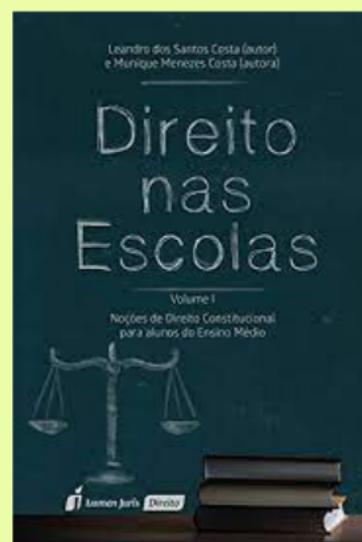
Revista Conhecimento & Cidadania



www.direitonasescolas.com/livraria

Por Apenas
R\$ 25,00

Na compra do E-book
2ª edição especial
grátis
E-book: Direito nas
Escolas.



Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:

PIX: 28.814.886/0001-26

